

## USO DOS ESPAÇOS EDUCATIVOS NÃO-FORMAIS E A FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE HISTÓRIA

Ana Maria de Almeida Santiago  
(UERJ)\*

Helena Maria Marques Araújo  
(UERJ/PUC/UniverCidade)\*\*

### Introdução

Esta comunicação tem por objetivo apresentar uma das linhas de pesquisa do Laboratório de Pesquisas e Práticas de Ensino (LPPE) do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro em desenvolvimento, que relaciona memória, identidade e formação de professor.

O Projeto USO DOS ESPAÇOS EDUCATIVOS NÃO-FORMAIS E A FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE HISTÓRIA, no contexto das atividades do LPPE, articula-se com a nova LDB, os Parâmetros Curriculares Nacionais de Ensino Fundamental e Médio e as novas Diretrizes Curriculares para Formação de Professores; consolida a articulação entre ensino e pesquisa nos cursos de licenciatura; insere a utilização dos espaços educativos alternativos no horizonte universitário e pedagógico e fundamenta, no plano teórico-metodológico, o trabalho de entendimento e preservação da memória sócio-histórica, elemento essencial da constituição da identidade de uma comunidade.

Inserir-se entre as preocupações do projeto, o estabelecimento de uma contrapartida da Universidade para com a sociedade brasileira. Essa contrapartida será possível através da divulgação em diferentes meios de comunicação da produção do projeto, viabilizando o acesso dos professores de Ensino Básico ao material teórico e metodológico elaborado.

### Pressupostos teóricos e desenvolvimento

O professor de Ensino Básico não aplica, na prática, apenas, uma transposição didática do conhecimento acadêmico para o conhecimento das disciplinas escolares. Entende-se, portanto, que o conhecimento escolar numa perspectiva de educação emancipatória se configura como um texto aberto que passa a se constituir no processo de participação de alunos e professores.

A construção de novas metodologias implica numa postura criativa e autônoma construída na formação do profissional, portanto, não pode prescindir da participação ativa do licenciando.

Novos modos de trabalhar o ensino de História implicam na clareza conceitual que vai marcar a maneira de se produzir o conhecimento e aplicar metodologias.

“O que se ensina (conteúdo) e como se ensina (metodologia de ensino) se encontram articulados e mediados por uma concepção de História que reflete uma certa concepção de mundo.”<sup>1</sup>

A metodologia é o caminho a ser seguido para se chegar ao universo da ciência, do conhecimento. O significado do termo associa, portanto, método e conhecimento como se constituíssem um a gênese do outro. No âmbito da educação podemos afirmar que metodologia seria “*um conjunto de pressupostos teóricos cuja aplicação mediatiza a atuação educacional de uma perspectiva científica.*”<sup>2</sup>

Criar novas metodologias, assim como, novos espaços educativos, implica, conseqüentemente, na capacidade de saber aplicá-los, considerando as concepções teóricas que os gestaram. Nesta medida, acrescenta-se que cursos meteóricos de disciplinas pedagógicas eliminam a concepção licenciando/pesquisador, desconhecendo que a formação docente articula ensino e pesquisa nos cursos de licenciatura.

É nesse contexto que se inserem, dentre as linhas de investigação do Laboratório de Pesquisa e Práticas de Ensino do IFCH, aquelas inerentes às metodologias utilizadas no Ensino Básico e Superior, a qual esse projeto se filia.

Na perspectiva dos Estudos Culturais, segundo Tomaz Tadeu da Silva, a cultura é pedagógica e a pedagogia é cultural. Diversos programas de televisão, mesmo que não tenham o objetivo explícito de ensinar, educam. Por outro lado, toda a pedagogia está inserida num contexto histórico e cultural. Todo conhecimento se constrói, portanto, num sistema de significados.

“Tal como a educação, as outras instâncias culturais também são pedagógicas, também têm uma “pedagogia”, também ensinam alguma coisa. Tanto a educação quanto a cultura em geral estão envolvidas em processos de transformação da identidade e da subjetividade.”<sup>3</sup>

A escola não é o único “lugar de conhecimento” e, portanto, de transformação de subjetividades, como nos afirma o autor. Existem outros espaços de saber – espaços não-formais de educação – que também educam, como museus, arquivos, programas de televisão e/ou rádio (educativos ou apenas de lazer), filmes, peças de teatro, músicas, espaços de exposições.

Os museus, arquivos, locais de exposições e outros lugares de memória<sup>4</sup> possuem cultura própria, ritos e códigos específicos. Por outro lado, as escolas apresentam universos particulares com lógica própria. Faz-se necessário a busca de caminhos para a construção de uma pedagogia de museus como nos afirma Marandino.<sup>5</sup>

Vários motivos levam os professores a buscar os espaços educativos não-formais como lugares alternativos de aprendizagem. Dentre tais objetivos estariam a apresentação interdisciplinar dos temas, a interação com o cotidiano dos estudantes e, por fim, a possibilidade de ampliação cultural proporcionada pela visita. Assim, as visitas teriam o objetivo de fazer uma alfabetização científica do cidadão. Para isso trabalha-se com elementos de relevância social que informam os indivíduos e os conscientizam de problemas político-sociais.

Nas últimas décadas, a questão educacional passa a ser um dos alicerces dessa nova museologia. Crescem pesquisas que analisam o processo de ensino ou divulgam o conhecimento nesses espaços, na perspectiva dos estudos sobre transposição didática ou museográfica.

A participatividade e a interatividade dos museus de ciência e técnica estenderam seus tentáculos a museus como os de história, de arqueologia, de etnografia e de ciências naturais, através, sobretudo, do advento de novas tecnologias. A base filosófica dessas mudanças reside na democratização do acesso ao saber que estão “depositados” nos museus.

A escola deve permitir a influência desses espaços educativos alternativos, através das visitas pedagógicas e das ações de parcerias. A preservação da memória torna-se fundamental na ampliação de vivências pedagógicas diferenciadas para nossos alunos e alunas.

Faz-se necessário desvelar o horizonte universitário e pedagógico para a utilização dos espaços educativos alternativos. Assim sendo, entendemos ser necessário uma atenção especial à formação inicial dos professores.

É, nesse sentido, que entendemos que se deva aproveitar o preconizado pelas novas Diretrizes Curriculares para Formação de Professores, particularmente a partir da ampliação da carga horária das práticas de ensino e estágio, assim como, da diversificação dos campos de estágio curricular para os espaços educativos não-formais.

É claro que a escola continua sendo o cerne do estágio, unindo teoria-prática na formação docente; porém, o aprendizado sobre como utilizar outros espaços educativos, além da escola, na sociedade contemporânea, é fundamental. Desta forma, em tais visitas pedagógicas seriam oferecidas aos nossos alunos e alunas diferentes leituras

da ciência e do mundo. É essencial, cada vez mais, a parceria dos museus com as universidades, secretarias municipais e estaduais para a realização de cursos de formação de professores em todos os níveis.

Consideramos que é muito importante à implantação de pesquisas sobre a relação museus/espacos culturais e escola, pois esses estudos darão subsídios maiores aos programas educativos e culturais desenvolvidos nessas instituições. Através desse projeto, procuramos inserir a reflexão sobre essa relação já no início do processo de formação do docente, durante a graduação.

Educar-se é, essencialmente, um ato *político*. Nesse sentido, o papel da escola é fundamental na medida em que o processo de organização do saber escolar não seja apenas baseado na extensão do conhecimento, mas numa proposta política consciente. Como diz Paulo Freire, a História precisa ser vivida como possibilidade – tal entendimento *determinará a priorização* – também consciente – de valores e de conteúdos a serem ensinados, assim como, da metodologia a ser aplicada.<sup>6</sup>

Precisamos de um ensino-aprendizagem cujo foco esteja na ética dos indivíduos para uma sociedade efetivamente democrática, para a incorporação da condição de cidadão e para a atuação no social, o que exige, necessariamente, que trabalhem com a questão da identidade.

Para trabalhar a constituição da cidadania, se faz necessário orientar a nossa ação para o entendimento e preservação da memória sócio-histórica. A identidade de uma comunidade e a legitimidade em relação a determinados aspectos que nela podem vigorar estão alicerçados na recordação histórica, na memória. Somos o que construímos através de nossas relações pessoais, nossas escolhas, nossos atos ... nossa história! Somos também o que projetamos destas vivências a cada etapa de nossas vidas, e, à medida que o tempo passa, revisitamos o passado e reorganizamos nossa memória.

Em consequência disso, as sociedades e, em especial, o poder público sempre se preocupou em criar *lugares de memória*.<sup>7</sup> A memória, especialmente a coletiva, é *instrumento e objeto de poder*. O esquecimento, tanto quanto a lembrança, é constitutivo da memória, pois o que se lembra e o que se esquece é sócio-historicamente determinado. Assim como a História é continuamente reescrita através do tempo, nossa memória é, ininterruptamente, reinventada. É preciso revitalizar o nosso passado com o objetivo de construir uma identidade libertadora. Como nos fala Le Goff :

“A memória, onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro. Devemos trabalhar de forma a que a memória coletiva sirva para a libertação e não para a servidão dos homens.”<sup>8</sup>

A preocupação central do Ensino Básico é, portanto, contribuir para o indivíduo se formar enquanto cidadão, para além da cidadania do direito. A inclusão dos espaços educativos não-formais na prática pedagógica dos docentes pode contribuir significativamente para esse objetivo central, pois permite o desenvolvimento de uma abordagem conceitual, identifica e explora os lugares de memória da sociedade, estimula a construção da identidade pelo aluno. O projeto insere essas questões na agenda de formação docente através da pesquisa acadêmica e do pensar metodológico voltado para o ensino.

São, portanto, objetivos do Projeto:

1. Promover uma articulação entre o ensino e a pesquisa oferecendo ao licenciando e aos docentes das redes públicas e privadas do Estado capacitação teórico-metodológica para o desempenho do seu ofício;
2. Estreitar laços entre as práticas curriculares nos cursos de formação de professores e os lugares de preservação da memória;

3. Utilizar os espaços educativos não-formais como campos de pesquisa, de estágio curricular na formação inicial e de prática pedagógica dos professores de História;
4. Articular o saber no âmbito da área de humanidades com o saber escolar;
5. Possibilitar a compreensão da importância da preservação da memória, do sentido do patrimônio histórico, da ligação do conhecimento com a cidadania e da aliança do pensamento com a expansão da criatividade;
6. Desenvolver o debate em torno da interdisciplinaridade, seus aspectos didáticos e formas de aplicação crítica do diálogo entre as ciências humanas, a ética e a filosofia;
7. Divulgar para sociedade os resultados obtidos nessa linha de pesquisa, oferecendo múltiplas formas de acesso ao material teórico-metodológico produzido.

A implementação do projeto se fará através de seis etapas:

1. Estabelecimento de critérios para a seleção dos espaços educativos não-formais no município do Rio de Janeiro que serão trabalhados;
2. Seleção dos espaços educativos não-formais no município do Rio de Janeiro que serão trabalhados na primeira etapa do projeto;
3. Análise bibliográfica e teórica sobre espaços educativos não-formais, memória e identidade;
4. Elaboração do quadro teórico-metodológico para a construção de roteiros e oficinas pedagógicas;
5. Construção de roteiros e oficinas pedagógicas para a utilização dos espaços educativos não-formais selecionados;
6. Divulgação do material teórico e pedagógico construído para os professores da Educação Básica.

### **Conclusão**

Para a construção da cidadania é necessário acionar no indivíduo um olhar crítico sobre a sociedade em que vive. Tal atitude exige, constantemente, uma visão integrada, capaz de investigar as relações interpessoais, as idéias decorrentes dessas relações, o percurso histórico do grupo social e a maneira como todo este universo é, continuamente, reconstruído. É necessário resgatar a memória que se fez decorrente das interações de todos os sujeitos históricos. Somente na interação, na ação, os sujeitos vão constituindo a identidade coletiva.

Para a concretização dessa prática pedagógica, o docente precisa se despojar de medos, fragilidades e mitos. É essencial que atuemos como *co-participantes* e não como somente produtores do conhecimento. É primordial que nos espaços educativos – formais ou não formais – redefinamos o papel do docente e desenvolvamos ações de aprendizado mais significativas, possibilitando o resgate da escola enquanto lugar de aquisição de saberes interdisciplinares e contextualizados para o aluno/cidadão.

Sendo assim, através dessa linha de pesquisa pretendemos estreitar laços entre o Ensino Básico e a Formação do Professor de História, a partir da reflexão e pesquisa sobre o uso dos espaços de educação não-formais nos currículos escolares e práticas pedagógicas.

---

\* Professora Assistente do CAP e do IFCH/UERJ.

\*\* Professora Assistente do CAP e do IFCH/UERJ, Professora do Departamento de Educação da PUC/RJ e Professora Assistente da Escola de Educação da UniverCidade.

<sup>1</sup> BASSO, Itacy Salgado. *As concepções de História como mediadoras da prática pedagógica do professor de História*. In: DAVIES, Nicholas (org.). Para além dos conteúdos no ensino de História. Niterói, EdUFF, 2000. p. 45.

<sup>2</sup> MENANDRO, Heloisa F.. *Visões sobre um velho tema: o ensino de história*. In: DAVIES, Nicholas (org.). Para além dos conteúdos no ensino de História. Niterói, EdUFF, 2000. p. 62.

<sup>3</sup> SILVA, Tomaz Tadeu da. Documentos de identidade: uma introdução as teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 1999, p.139

<sup>4</sup> LE GOFF, Jacques. História e memória. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1992. p. 477.

<sup>5</sup> MARANDINO, Martha. Museu e escola: parceiros na educação científica do cidadão. In: CANDAU, Vera (org.). Reinventar a escola. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 189-220.

<sup>6</sup> FREIRE, Paulo. Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Ed. da UNESP, 2000. p. 57.

<sup>7</sup> Lugar de memória: “onde se pode por associações dispor os objetos da memória”. Cf definição em LE GOFF, Jacques. História e .... p. 440-1.

<sup>8</sup> LE GOFF, Jacques. História e .... p. 477.